



História da Historiografia: International
Journal of Theory and History of
Historiography

E-ISSN: 1983-9928

historiadahistoriografia@hotmail.com

Sociedade Brasileira de Teoria e História
da Historiografia

Campigoto, José Adilçon; Cantalício Serpa, Élio
Oliveira Martins e Afonso Arinos: regiões e tragicidades
História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography,
vol. 5, núm. 10, diciembre, 2012, pp. 54-74
Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=597769698005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Oliveira Martins e Afonso Arinos: regiões e tragédias

Oliveira Martins and Afonso Arinos: regions and tragedies

José Adilçom Campigoto

ja.cam.pi@hotmail.com

Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
Rua José Freitas dos Santos - Engenheiro Gutierrez
84500-000 - Irati - PR
Brasil

Élio Cantalício Serpa

ecserpa@gmail.com

Universidade Federal de Goiás
Rua 53, 256/603 - Jardim Goiás
74810-210 - Goiânia - GO
Brasil

Resumo

Nessa pesquisa sobre os temas região e tragicidade, em textos publicados em Portugal e no Brasil dos séculos XIX e XX, elegemos algumas obras de dois autores: Oliveira Martins e Afonso Arinos. O ferramental adotado para realizarmos essa investigação foi extraído do campo da hermenêutica filosófica, tentando-se perceber o movimento que estes intérpretes do Brasil e de Portugal realizaram em função de compreender a realidade. A obra *História da civilização ibérica* de autoria de Oliveira Martins e a coletânea intitulada como *Notas do dia* e o livro *Lendas e tradições brasileiras* escritas por Afonso Arinos serviram como fontes. Conclui-se, entre outras coisas, que a Península Ibérica é tomada, nesses textos, como totalidade (geográfica, histórica e espiritual), esquema transposto, em certa medida, para a escrita de Arinos sobre o Brasil.

Palavras-chave

Civilização; Hermenêutica; Regionalismo.

Abstract

In this research about the themes of region and tragedy in texts published in Portugal and in Brazil in the 19th and 20th century, we selected a number of works written by two authors: Oliveira Martins and Afonso Arinos. The adopted tools to accomplish this research were taken from the field of philosophical hermeneutics, in the attempt to perceive the movement that these interpreters of Brazil and Portugal undertook to understand reality. The book *História da civilização ibérica* ("History of the Iberian Civilization") by Oliveira Martins, along with the compilation entitled *Notas do Dia* ("Notes of the Day") and the book *Lendas e tradições brasileiras* ("Brazilian Legends and Traditions") by Afonso Arinos became our sources. We conclude, among other things, that the Iberian Peninsula is considered in these texts as (geographical, historical and spiritual) totality, and that such scheme was transposed, to some extent, to Arino's writing about Brazil.

Keywords

Civilization; Hermeneutic; Regionalism.

Enviado em: 6/5/2012

Aprovado em: 14/11/2012

Joaquim Pedro de Oliveira Martins,¹ destacado político e não menos considerável cientista social português, desenvolveu certas reflexões que marcaram sucessivas gerações de intelectuais. Suas cogitações influenciaram diversos escritores portugueses do século XX, tais como Antônio Sérgio, Eduardo Lourenço e Antônio Sardinha. Elemento animador da Geração de 70² revelou elevada plasticidade em relação às múltiplas correntes de ideias que atravessaram o século em que viveu. Colaborou com os principais jornais literários e científicos de Portugal, assim como escreveu para periódicos socialistas. A vasta produção de Oliveira Martins iniciou por meio do romance *Febo Moniz*, publicado em 1867 e estendeu-se até a sua morte, ocorrida em 1894. A preocupação com o valor e com os limites do conhecimento científico levou-o a materializar o projeto da Biblioteca das Ciências Sociais (1879). A reflexão acerca desse 'programa' está no artigo "Da natureza e do lugar das ciências sociais" (1881). Compõem esta biblioteca os seguintes trabalhos de sua autoria: *O Helenismo e a civilização cristã* (1878), *História da civilização ibérica* (1879), *História de Portugal* (1879), *Elementos da antropologia* (1880), *O Brasil e as colônias portuguesas* (1880), *Portugal contemporâneo* (1881), *As raças humanas e as civilizações primitivas* (1881), *Da natureza e o lugar das ciências sociais* (1881), *Sistema de mitos religiosos* (1882), *Quadro das instituições primitivas* (1883), *O regime das riquezas* (1883), *Tábuas de cronologia e geografia histórica* (1884), *História da república romana* (1885) [CATROGA 1986, p. 126]. A obra de Oliveira Martins suscitou muitas controvérsias, tendo influenciado a vida política portuguesa, mas também historiadores, críticos e literatos do seu tempo e do século XX.

55

Além das mencionadas repercussões resultantes das propostas de Martins, podemos deduzir que certos escritos de autoria desse pensador lusitano tornaram-se referências para intelectuais brasileiros que lhe eram contemporâneos. Tal é o caso de Afonso Arinos de Melo Franco³ de quem consideramos a obra como um elemento subsidiário para certas interpretações do Brasil e para algumas compreensões do 'nosso tecido humano e social'.⁴

Arinos, por citar Martins, tornou-se um dos focos de interesse deste breve⁵ estudo a respeito do tratamento dispensado aos temas *região e tragicidade*⁶ em

¹ Joaquim Pedro de Oliveira Martins, intelectual português, nascido em Lisboa, a 30 de abril de 1845, tendo falecido nesta mesma cidade a 24 de agosto de 1894. Em 1880 foi eleito presidente da Sociedade de Geografia Comercial do Porto e, quatro anos depois, diretor do Museu Industrial e Comercial do Porto. Mais tarde fez parte da comissão executiva da Exposição Industrial Portuguesa. Foi deputado em 1883, eleito por Viana do Castelo, e em 1889 pelo círculo do Porto. Em 1892 foi convidado para a pasta da Fazenda, no ministério que se organizou sob a presidência de Dias Ferreira, e em 1893 foi nomeado vice-presidente da Junta do Crédito Público.

² Sobre a Geração 70 portuguesa ver: PIRES 1992, p. 295-312. Neste livro, o papel de Oliveira Martins na Geração 70 é discutido em dois subtítulos, a saber: "A simbólica de Oliveira Martins" e "Uma retórica da decadência em Oliveira Martins", CATROGA 1996, p. 80-83.

³ Afonso Arinos de Melo Franco (não confundir com o 'sobrinho', nem com o 'filho', todos com o mesmo nome) nasceu em Paracatu, em 1º de maio de 1868 e faleceu em Barcelona a 19 de fevereiro de 1916. Foi jornalista e escritor, tendo ocupado a cadeira de número quarenta da Academia Brasileira de Letras. Publicou vários trabalhos na *Revista do Brasil* e na *Revista brasileira* durante a década de 1890. Foi um representante da corrente regionalista.

⁴ Arinos escreveu as seguintes obras: *Pelo sertão* (1898), *Os jagunços* (1898), *Notas do dia* (1900), *O contratador de diamantes* (1917), *A unidade da pátria* (1917), *Lendas e tradições brasileiras* (1917), *O mestre de campo* (1918) e *Histórias e paisagens* (1921).

⁵ Breve por tratar de poucas obras.

⁶ Entendida como pessimismo trágico, ou visão dramática de história, isto é, encadeamento de momentos transcendentais inscritos num percurso histórico imanente, sem algum final seguramente previsível.

textos de autores brasileiros e portugueses, publicados desde a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX. Quanto à área de conhecimento a que os escritos selecionados vinculam-se, podemos dizer que, de forma geral, transitam nas fronteiras das disciplinas pertencentes à categoria das ciências humanas. Os textos de Oliveira Martins, por exemplo, percorrem as sendas da literatura, da filosofia, das ciências política, da sociologia, da antropologia e, destacadamente, as veredas da história. A obra de Arinos, igualmente, extrapola, em muito, às classificações tradicionais com bases disciplinares, talvez, por ser ele um profissional ligado aos campos do jornalismo, da jurisprudência e da literatura.

Este artigo resulta, portanto, da investigação acerca de um objeto localizado na região fronteira das disciplinas atualmente estabelecidas. Como já mencionado, trata-se de investigar alguns escritos a propósito dos temas região e tragicidade, publicados em Portugal e no Brasil no período que compreende a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX. Embora o escopo seja mais amplo, com veremos adiante, exploramos a ideia de que Arinos, ao classificar o desembarque de Colombo na América como o início do 'drama americano' seguiu a perspectiva trágica da história proposta por Oliveira Martins.

De fato, Martins fixou algumas teses sobre a história que, de certa forma, permanecerão até o final de sua vida. Trata-se de temas que, até a presente data, são alvo de polêmicas, principalmente, no que se refere às relações entre história e ficção. Nos aportes sobre as discussões acaloradas que se faziam em torno do positivismo, do naturalismo, do evolucionismo e de outros sistemas explicativos, principalmente no interior da intelectualidade portuguesa, Martins asseverava a impossibilidade das ciências sociais, calcadas nos pressupostos positivistas, oferecerem a explicação total do universo para demonstrar o sentido do devir humano. Para ele, todo o conhecimento histórico necessitaria de alguma base metafísica, pois, somente assim, a razão humana poderia captar o significado último da evolução cósmica universal. Então, a mesma razão rejeitava a ideia de que o conhecimento histórico fosse a única via de acesso ao saber. O autor falava da existência de quatro tipos de conhecimentos: o empírico, o teórico histórico, o técnico e o sintético. O primeiro, considerado como "a origem de todos os saberes" e o sintético era o "lugar por excelência da filosofia", tendo como ponto de partida os resultados parcelares todas as ciências (CATROGA 1996, p. 121).

Conforme a leitura que Fernando Catroga faz do trabalho intelectual de Oliveira Martins, a concepção trágico/dramática de história do pensador lusitano assenta-se no pressuposto de que esta

[...] No seu próprio ser, no seu aparecimento deriva do ímpeto da força, que em busca de uma plena realização, exige a luta, a finitude e a morte. Do ponto de vista ôntico, a história surgiu a partir do momento em que o homem animal social acrescentou à sua base antropológica-natural a capacidade de criar línguas, mitos símbolos, instituições, riqueza (CATROGA 1996, p. 122).

Melhor dizendo e, fazendo uso das palavras de Martins, o domínio da história, no seu entendimento, é aquele momento em que, por motivos animais e étnicos, aparecem as injunções conscientes, ou seja, os preceitos da filosofia, reverberados na legislação e na arte de governar dos estadistas; surgem os prognósticos dos políticos e, concomitantemente, os dogmas das religiões e o poder do sacerdócio.

À maneira de Michelet, Martins concebia o ofício do historiador como uma ressurreição, na qual o labor artístico e sintético é sempre bem vindo e necessário. Reconhecia a presença do indeterminado e do fortuito no fenômeno histórico, confrontando-se com o pressuposto advindo da "história ciência", alicerçada no modelo das ciências experimentais, de que existem leis que regem os elementos sociais, prevendo o desenvolvimento futuro da sociedade (MATOS 2000, p. 159-160). Martins, em os Filhos de D. João I, por exemplo, observa o seguinte:

O que domina, sobretudo a história são os motivos morais, e esses motivos parecem verdadeiros ou falsos conforme as épocas e os lugares. Assim a história há de ser objetiva, sob pena de as obras do artista não passarem de criações fantásticas do seu espírito. E há de, por outro lado, assentar sobre a base de um saber solidamente minucioso, de um conhecimento exato e erudito dos fatos e condições reais, sob pena de, em vez de se escrever história, inventarem-se romances. Arena amplíssima onde o artista e o erudito, o pensador e o crítico se encontram e se confundem; o jurista para indagar com escrúpulos, o psicólogo para avaliar sua sutileza, a história, se não é a forma culminante das manifestações intelectuais do homem, é sem dúvida a mais complexa e a mais compreensiva (MARTINS 1983, p. 8-9).

57

Ao fim e ao cabo, a história era concebida pelo autor como sucessão necessária cuja objetivação engendra o mergulho em probabilidades e, por conseguinte, apresenta a dimensão trágica como característica prosaica, pois o devir está sempre permeado pela ameaça da degeneração e da morte. A história, nessa concepção, é parte de uma totalidade constituída pela razão humana, o campo geral dos saberes, arena apropriada a captar o significado último da evolução universal. Essa totalidade, como qualquer outra de que se possa ter compreensão, seria constituída por quatro frações correspondentes aos tipos de conhecimento apontados por Martins: o empírico, o técnico, o sintético e o teórico histórico. Nota-se, portanto, o recurso do cientista português ao procedimento geral da hermenêutica (relacionar parte e todo), situando o saber histórico no quadro do conhecimento e de certa forma, fundamentando sua proposta de concepção histórica.

O ferramental escolhido por nós a fim do propósito já exposto, originou-se, igualmente, no campo da hermenêutica. Pressuporemos então, por tratar-se da hermenêutica gadameriana, que o ato de interpretar⁷ equivale ao que se expressa na língua portuguesa por meio do vocábulo 'compreender'. Segue que, intérprete é todo sujeito que compreende algo e não apenas quem entra em

⁷ Sobre interpretação e compreensão ver GADAMER 1977.

contato com certos conteúdos expressos numa língua desconhecida, por exemplo, e os converte para um idioma compreensível (este era, antigamente, o língua).⁸

O resultado primeiro da adoção dessa perspectiva para a discussão a que nos propusemos implica, por exemplo, que os autores das obras aqui interpretadas não serão considerados como sujeitos que fazem análises, ou realizam leituras automáticas⁹ ou, ainda, percebem os objetos fenomenologicamente.¹⁰ Dizemos assim devido ao 'nosso' pressuposto de que a interpretação configura-se como um movimento específico.¹¹ Então, interpretar não é fazer análise, ou seja, distingue-se do procedimento especializado no recorte do objeto. Nem é percepção, no sentido de experiência corpórea, ao modo das reflexões fenomenológicas desenvolvidas no seguimento de Edmund Husserl.¹² Compreensão é, 'redundantemente', o fazer compreensivo: relacionar parte e todo, todo e parte, até que o sentido se complete; mas, não é tudo...

Será importante esclarecer que, também, guardamos as distâncias impostas, desde esta perspectiva, entre o ato de interpretar e a prática da leitura. Como se verá, então, nesta pesquisa evitou-se considerar Portugal, Península Ibérica e a Europa – espaços amplamente evocados por Martins, assim como a América e o Brasil, lugares referenciados por Arinos – como regiões naturalmente estabelecidas, ou seja, como textos dados a ler. Fazê-lo, implicaria a redução do fenômeno da interpretação (ou da compreensão) a apenas um de seus procedimentos metodológicos – a contextualização.¹³ Elegemos um ponto de partida mais geral: a tese de que "[...] o sentido se completa sempre que a compreensão se efetua, ou seja, o ato de compreender segue uma dinâmica estável, isto é, o movimento que vai da parte ao todo e do todo à parte" (CAMPIGOTO; BONNA 2009, p. 134). Este deslocamento circular, chamado por Gadamer de regra de ouro da compreensão, realiza-se no e por atuação do intérprete, todas as vezes que se desencadeia a energia necessária para a compreensão de algo. Deriva dessa premissa o pressuposto de que toda interpretação caracteriza-se pela historicidade, ou seja, que não há interpretação fora da história e nem história fora da interpretação.

⁸ O termo *língua* é o mais utilizado durante o período dos descobrimentos e da expansão portuguesa, para designar o intérprete. Ver a obra de Carlos Castilho Pais.

⁹ Nesse artigo recorreremos a alguns textos lidos por Arinos porque nos fornecem elementos sobre o tratamento acerca de certas totalidades e de partes. Vale dizer, que não se trata de buscar a origem das ideias de Arinos em uma gênese escriturária. Não recorreremos à filiação textual porque precisaríamos buscar a ideia expressa por Arinos em outro autor, que se filia a outro e a outro e a um anterior ainda, e assim por diante. Sobre esta questão, ver a crítica de Foucault à história das ideias, por exemplo, em FOUCAULT 2009.

¹⁰ Concepção filosófico-metodológica segundo a qual o modo pelo qual o conhecimento do mundo se realiza é um objeto de investigação mais importante do que o próprio conhecimento do mundo, quer seja ele objetivo ou subjetivo. O procedimento chama-se redução fenomenológica e implica a suspensão de todo o saber das coisas do mundo exterior, a fim de captar o objeto na forma como ele se nos apresenta. Nossa proposta adota a perspectiva fenomenológica, mas acrescenta-lhe a tese de que o fazer interpretativo não se dá a partir do nada, pois o intérprete sempre se move num horizonte de compreensão dado de antemão.

¹¹ Pressuposto da hermenêutica gadameriana.

¹² Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859 – 1943) era matemático e filósofo e tornou-se mais conhecido como fundador da fenomenologia.

¹³ Um dos procedimentos metodológicos da hermenêutica, apontados por Gadamer, consiste em confrontar o texto com o contexto em que foi produzido para que o sentido se efetue. O problema deste método consiste em que os contextos são construídos pelos próprios intérpretes. Não negamos o valor deste método – até o utilizamos em algumas situações. Nossa proposta, seguindo a hermenêutica filosófica, consiste em ir além os limites contextuais.

Metodologicamente, convém ainda dizer que qualquer coisa que possa ser dividida em partes, por ser fração de uma totalidade maior, pode servir como outro 'todo' para efeito compreensivo. Nesse jogo da compreensão, em se tratando de texto escrito, o percurso efetuado fica registrado na expressão textual, o que nos permite recuperar os passos do escritor. Isso implica que, para além da evidência literária ou estilística, por tratar-se de um trabalho datado e 'datável', toda interpretação é histórica. Não será, pois necessário ligar cada efetuação de sentido ao contexto em que se efetiva, embora este seja um recurso que venha enriquecer nossa compreensão dos acontecimentos.

Pretendemos, então, investigar as evidências de tal procedimento no trabalho realizado por Martins e Arinos, tendo como fonte monumental: a obra intitulada como *História da civilização ibérica* e de Oliveira Martins e a coletânea *Notas do dia* e a obra *Lendas e tradições brasileiras* de Afonso Arinos. Em outras palavras, o objetivo desse artigo consiste em descrever os movimentos compreensivos realizados por Arinos e Oliveira Martins no que diz respeito aos temas da tragicidade e região.

Regiões e recortes

O texto de Arinos pelo qual iniciamos esta discussão é resultante de uma conferência realizada na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, no dia doze de outubro de 1895. Na versão escrita daquele pronunciamento, publicada como primeiro texto da coletânea *Notas do dia*, o palestrante celebrava a figura de Cristovão Colombo. A preleção expressava, literalmente, a ideia de que, após o ano de 1492, "desenvolve-se o drama do Novo Mundo" (ARINOS 1900, p. 56). Certo movimento compreensivo principia, então, a esboçar-se porque Arinos divide o todo (mundo) em duas partes, portanto, regiões (o novo mundo e o velho mundo). Evidentemente, não fora ele o propositos de tais expressões, nem mesmo o sujeito a empregá-las pela vez primeira, mas o detalhe a destacar consiste em que uma dessas frações da totalidade é qualificada como espaço em que se desenrola um episódio dramático. O drama enunciado, assim sendo, não se desenrola na totalidade do globo e sim numa de suas partes.

O termo drama será, aqui, considerado como conceito que incorpora aspectos da comédia e como especialidade peculiar à arte de narrar, porque a história, em Arinos, frequentemente, é considerada sob o modo de 'fluxo acontecimental extasiado'.¹⁴ Essa mesma noção de 'drama' parece reiterar-se em algumas leituras feitas por Arinos e, também, em certos escritos históricos coevos a exemplo dos elaborados por Alexandre Herculano. Nesses aplicavam-se conceitos similares. Trata-se, por exemplo, de expressões operacionais (ou conceituais) tais como decadência e ascensão. Nesse caso, notamos certa alternância de polaridade no que tange ao ferramental analítico, indicando, ainda que vagamente, a aplicação de algum esquema pessimista ao campo da escrita da história.¹⁵

¹⁴ Patético.

¹⁵ O pessimismo trágico é a perspectiva adotada por Oliveira Martins. Consiste em pensar a história como encadeamento de eventos sem um final visível.

Arinos iniciou a exposição¹⁶ relacionando regiões: o continente americano e o globo terrestre. A esfera geográfica aparecia, então, sob a forma do palco em que ocorre o processo de constituição da civilização brasileira. A América, nessa montagem, representa um dos componentes fundamentais; a outra parte é simulada pela Europa. Dizemos simulada porque os dois continentes, na sequência, são fracionados como que num movimento de aproximação, gerando o esboço da narrativa. Na conformação resultante dessa operação, a parte da Europa destacada é a Península Ibérica. Arinos assevera que a

[...] Península ibérica, mística e cavalheiresca, bárbara e generosa, burlesca e sublime; esse gênio peninsular, formado com os elementos africanos, gótico e latino, elaborado e robustecido em dez séculos de luta, vai desprender-se de seu ninho alpestre, do meio de seus broncos penedos e entregar-se, como a procelária, às asas da borrasca (ARINOS 1900, p. 56).

60

A afinidade com os textos de Oliveira Martins começa a esboçar-se, pois, segundo Vamirech Chacon, Martins realçou na *História da civilização ibérica* o substrato comum destes povos considerados, por ele, como inseparáveis devido à localização geográfica e à cultura. Nas contendas sobre iberismo ou não, insistiu nas convergências. O iberismo de Oliveira Martins não teve itinerário linear, oscilou, transformou-se, passou por fases, foi pessimista. Sua defesa iberista básica aflorou na *História da civilização ibérica*, no *Portugal contemporâneo*, em *Os povos peninsulares e a civilização* moderna entre outros. “Em *Portugal contemporâneo* Martins fez uma discussão sobre o Iberismo, amalgamando as projeções dos iberistas dizendo que: à maneira, porém, que o tempo se obliterava a lembrança das crises sucessivas, renascia, com as complicações dinásticas, o pensamento natural da união”. Concluía, em 1888, temer que a Espanha, entre as grandes potências, se situasse num quadro no qual Portugal equivaleria a uma menor Holanda! (CHACON 2005, p. 142-145). Não há dúvida de que Oliveira Martins e sua geração trabalharam com a ideia de que o entendimento da história de Portugal era inseparável da inserção no destino dos demais países ibéricos. Sua perspectiva não era só iberocêntrica, de acordo com sua concepção antropológica. A Ibéria é uma das fases da mundialização ariana. Esta centralidade só atinge seu significado último se for sobredeterminada pelo arianocêntrismo, ideia que estrutura a sua “teoria da história universal” (CATROGA 1996, p. 137).

Consideramos a Península, na obra de Martins, como fração de um ‘*interpretandum*’ (PESSIS-PASTERNAK 1993, p. 67) representada, na obra de Arinos, por meio da figura de uma ave que se lança ao voo. A alegoria¹⁷ é digna de nota, pois Arinos era autor ligado ao realismo e representante do movimento regionalista no âmbito da literatura brasileira. O movimento interpretativo

¹⁶ A palestra aconteceu no Ginásio Mineiro, criado em primeiro de dezembro de 1890.

¹⁷ Vamos considerar este excerto como um recurso retórico em que se faz corresponder sistematicamente, os significados literais e aos sentidos figurados. Vamos interpretá-la como uma metáfora prolongada e, por isso, geradora de significados.

realizado por esse escritor mineiro a respeito do desembarque de Colombo no continente americano permite-nos entrever que a principal totalidade estabelecida, no caso, é a Península Ibérica. As partes são representadas pelo pássaro, o oceano, a tempestade e o voo.¹⁸ Ela é parte de outra totalidade mais ampla, o globo terrestre, incluindo-se, obviamente, outros territórios-partes, tais como a Europa, a América e as “Índias”. O dia em que o território americano é avistado torna-se, por assim dizer, um ponto de articulação e passagem das totalidades para as partes e vice e versa.

Colombo é, então, descrito como herói ibérico na citada conferência; mas, na nota do dia vinte e um de abril de 1895, Carlos V é arrolado, também, como um dos vultos peninsulares da conquista das Índias (ARINOS 1900, p. 36). Arinos considera-os como beatos.

A Península, naquele texto/fragmento, aparece como uma região geográfica que, na constituição dos sentidos, paulatinamente, transforma-se em figura representativa do *gênio* ou do caráter de uma população originária: *a raça ibérica*. Nesse mesmo fragmento de texto/conferência, evidenciam-se outras partes da nova *totalidade*: africanos, godos e latinos.

A região peninsular torna-se, então, entidade a transpor a simples circunscrição territorial, passando a representar ‘o gênero’, ou seja, a atitude, o estilo, a maneira, o modo de ser ibérico. Para Arinos (1900, p. 56) trata-se de um estilo: *místico e cavalheiresco, bárbaro e generoso, burlesco e sublime*. Podemos dizer que o autor considerava-a como um conjunto de saberes cultivados, adquiridos ou transmitidos, um tipo de patrimônio, elaborado e robustecido em *dez séculos de combate* (alusão à ocupação árabe).

A reunião destes elementos, situada no cenário de luta contra os ‘mouros’, indica que, *Notas do dia* está fundamentada em certos textos de história a respeito da Península Ibérica, em excertos de obras, às mais das vezes, como veremos, genericamente referenciadas. Isso vale, especialmente, para a alegoria do voo da ave. Podemos dizer da generalidade porque as chamadas de excertos e paráfrases utilizadas pelo autor seguem determinado padrão, tal como: ‘disse um grande historiador’, ‘conforme um grande sábio’ e assim por diante. Encontram-se, no entanto, algumas referências diretas às narrativas de Alexandre Herculano (ARINOS 1900, p. 112), com menção explícita ao ‘lidador’.¹⁹ O autor cita, diretamente, Joaquim Pedro de Oliveira Martins e Hippolyte Taine,²⁰ especialistas ligados ao campo da história e da literatura.

Um inventário das menções, citações e alusões, por abreviado que seja, evidenciará certa afinidade entre os textos de Arinos e outros autores que trataram o território e o espírito nacional como totalidades. Oliveira Martins destaca-se, aqui, por abordar a história como tragicidade.

¹⁸ Vale dizer, que na época em que se realizou a conferência no Ginásio Mineiro, o dia do descobrimento da América ainda não fora estabelecido como efeméride consagrada à ‘raça espanhola’, o que ocorreu em 1913. A instituição desse dia (da raça hispânica) é atribuída ao professor e acadêmico da *Real Academia de Ciencias Morales y Políticas*, Faustino Rodríguez-San Pedro. Desde 1935, 12 de outubro é o dia da *hispanidad*.

¹⁹ *A morte do lidador*, um dos contos de Alexandre Herculano é considerado como texto fundador das narrativas históricas em Portugal.

²⁰ Os escritos de Taine são apontados como referências teóricas para a introdução do realismo em Portugal.

A analogia que podemos estabelecer entre as obras de Arinos e a de Oliveira, a julgar por certas discussões feitas na área da história da literatura, é pressuposta como relação intermediada pelas teses de Taine. Esse cientista francês teria proposto uma teoria da história marcadamente positivista e determinista. Tal suposição é, às vezes, tomada como verdade, e adotada por alguns estudiosos da história da literatura, notadamente, que investigam a vida e a obra de Euclides da Cunha. Para ilustrar, Francisco José Alves argumenta que os historiadores ocupam um lugar de destaque na ordem explicativa do livro *Os sertões* e que Euclides fundamentou-se nos textos de Taine “almejando ser um escritor sincero” (ALVES 2006, p. 187-188).

Consideramos como razoável a interpretação²¹ feita por Alves, mas o problema consiste em que o autor recorre ao método schleiermachiano,²² tentando imaginar o que se passava na mente do autor, no caso, Euclides. Esse procedimento psicologista apresenta sérios entraves porque, primeiramente, resta a seguinte dúvida: a intenção de Euclides era mesmo ser um escritor sincero? Tudo leva a crer que sim... Todavia, o problema é demonstrar; mas, isso não é tudo. O embaraço maior, ainda, consiste no seguinte: se aceitamos a tese nunca comprovada de que a intenção de Euclides era ser franco, podemos facilmente acolher outras conjecturas tão dúbias quanto a proposta por Alves.²³ Vejamos o seguinte.

Para Alves, por exemplo,

62

Euclides da Cunha é um lídimo representante da historiografia naturalista. Ele, como outros representantes de seu tempo, acreditava que a história devia seguir os ditames da natureza. Sob esta diretriz, estes historiadores viam no meio e na raça as forças motrizes da história. Na história e na raça reinava o mais absoluto determinismo. Os homens (agentes) eram meros títeres destas forças impessoais. Uma das evidências da influência de Taine sobre o autor de *Os sertões* é a divisão tripartite da obra. A terra, O homem e A luta. Adotando este esquema Euclides da Cunha traduz o esquema causal tainiano da raça, meio e momento (ALVES 2006, p. 187-188).

Conforme esses pressupostos, digamos bem aceito academicamente, os termos *raça, meio e momento*, detectáveis nos escritos de Taine, são equivalentes a certos subtemas de *Os sertões*, tais como *terra, homem e luta*. Julgamos não ser necessário demonstrar a debilidade dessa correspondência; mas faltaria, ainda, especificar o seguinte ponto: em conformidade às proposições feitas pelo escritor francês, qual seria mesmo o fenômeno determinado pela raça, pelo meio e pelo momento.²⁴ Hippolyte Taine é, frequentemente, considerado como um pensador que exerceu forte influência sobre o movimento realista por meio de uma suposta teoria da história²⁵ em que o meio, a raça e o momento determinam

²¹ Interpretação no sentido de que, tomando-se *Os sertões* como totalidade, Taine será uma das partes. O sentido da montagem está, conforme Alves, na intenção, ou seja, no que ocorria na mente de Euclides – ser um escritor sincero.

²² Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) foi o proponente do método hermenêutico psicológico pelo qual se deduz o sentido de um texto a partir das intenções do autor.

²³ O problema não consiste em duvidar das intenções do autor de *Os sertões*, mas em abrir flancos para aceitar pressuposições sem comprovação.

²⁴ Não haveria, aí, novidade alguma, pois a concepção de que o meio físico influencia a fisiologia e a psicologia humana existe desde a antiguidade clássica.

²⁵ Suposta porque não há elementos documentais convincentes de que Taine tenha elaborado tal teoria. Ademais,

o comportamento humano. Arinos é um escritor filiado ao realismo e cita Taine,²⁶ autor que juntamente com Proudhon, é considerado como proponente das teses básicas adotadas pelos adeptos do movimento literário realista português. Martins, ao lado de Antero de Quental e Eça de Queirós, é tido como representante da geração de 1870, uma das bases para a introdução do realismo em Portugal.²⁷

Nesses textos de Arinos, porém, Oliveira Martins é o literato realista português mais citado, corroborando o que têm concluído alguns especialistas no assunto tais como Ana Lúcia Lana Nemi:

O ciclo decadentista moderno português teria, também, caracterizado os primórdios da colonização brasileira, segundo diagnóstico peninsular que aqui chegou por meio da circulação de textos e das sociabilidades entre letrados dos dois lados do Atlântico no século XIX. No Brasil essa preocupação com o enraizamento do que fora moderno por meio da recolha do que fora tradicional também se manifestou no século XIX e invadiu o século XX (NEMI 2008, s/p.).

Podemos dizer que, de forma geral, destaca-se a influência exercida por Antero de Quental e por Alexandre Herculano. Este historiador²⁸ teria proposto

[...]Uma filosofia da história na qual atuam dois princípios norteadores, a liberdade e a desigualdade, princípios que circunscrevem e explicam as institucionalidades possíveis, as escolhas políticas e as representações culturais. No mesmo sentido, o autor advoga a constante existência de dois ciclos fundadores da história de Portugal, um de ascensão e outro de decadência (NEMI 2008, s/p.).

63

Os conceitos de ascensão e decadência, ao menos de forma vaga, estão presentes na obra de Arinos, mas podemos considerar como certa a sua opção por Oliveira Martins, tanto é assim que Alexandre Herculano é pouquíssimo citado em *Notas do dia*. A visão histórica então destacada é trágica e dramática²⁹ e outros serão os princípios a circunscrever e explicar a história nos textos de Arinos aqui examinados.

Alexandre e Oliveira Martins, embora não pertencendo à mesma geração intelectual, fizeram parte do movimento dos intelectuais portugueses do 'pós-derrota' de Napoleão que, como alega Nemi, se atribuíam a tarefa de

ele nem é costumeiramente citado como pensador de destaque em termos de correntes historiográficas.

²⁶ As referências a Taine encontram-se nas páginas 101 e 290 de *Notas do dia* e tratam da revolução francesa – período do terror – e da história romana.

²⁷ Na ótica da história das ideias, Eça teria sido o introdutor da nova corrente literária, por meio da fusão de duas vertentes intelectuais: a proposta de Taine e a perspectiva anarquista de Pierre-Joseph Proudhon. No âmbito desta proposição lusitana aí surgida, a arte perderia os tradicionais motivos diletantes, ensejos característicos do Romantismo, para se tornar parte de um programa de regeneração social. Os procedimentos artísticos consoantes ao que propunha a Geração 70 deveriam evidenciar, fidedignamente, a realidade, visando o diagnóstico de situações problemas e possíveis formas para sanear-las. Tal aproximação ao dito mundo autêntico é, frequentemente, considerada como a característica tendência objetivista do Realismo. A objetividade, a bem da compreensão, vincula-se aos procedimentos marcadamente cientificistas, métodos considerados como modelos vigorosos, da época. Na mesma perspectiva historiográfica das correntes de pensamento, Alfredo Bosi afirma que "Os mestres desta subjetividade seriam os franceses: Flaubert, Maupassant, Zola e Anatole, na ficção; os parnasianos, na poesia. Comte, Taine e Renan, no pensamento e na história. Em segundo plano, os portugueses, Eça de Queirós, Ramalho Urtigão e Antero de Quental, que travavam, em Coimbra, uma luta paralela no sentido de abalar velhas estruturas mentais". Advertimos, de imediato, que Taine, Comte e Renan representam os pilares do pensamento e da história, pelo menos, na perspectiva do realismo literário e que os portugueses são alocados, por Bosi, num plano secundário. Ver BOSI 1976.

²⁸ Alexandre Herculano.

²⁹ Dramática quando inclui o elemento cômico.

[...] encontrar o caminho para a legitimação do liberalismo na Península [...] inventariar e conhecer a história nacional [...] repensar a experiência medieval e encontrar um sentido para a história nacional que estabelecesse os nexos entre passado, presente e futuro (NEMI 2008, s/p.).

Por conta de igual empreitada

O interesse pelas tradições medievais povoou os textos dos acadêmicos europeus do século XIX. No caso das nações peninsulares, o estudo das tradições políticas medievais, conforme sugeriu Almeida Garrett, e também outros autores como Antero de Quental e Oliveira Martins deveria ser retomado[...] (NEMI 2008, s/p.).

Além de desenvolverem atividades no âmbito da investigação de 'memórias', alguns republicanos peninsulares, a exemplo de Teófilo Braga, lançaram-se ao trabalho de recolher contos populares naquela região da Europa tomada como totalidade por Arinos e Oliveira.³⁰ Afonso Arinos é considerado como um monarquista convicto, mas a obra intitulada como *Lendas e tradições brasileiras* segue, basicamente, a mesma lógica republicana portuguesa, e como Oliveira Martins, o literato mineiro escreveu a respeito das ditas tradições e lendas estabelecendo, assim, o vínculo entre a região geográfica e a 'cultura popular'. Afirma que

Não é fácil colhê-las ao vivo porque o povo não se abre senão com os que com ele ombreiam na labuta cotidiana. É geralmente num serão ou num eito, quando as almas, irmanadas pelo sofrimento e trabalhos comuns, desabafam na melodia das canções as penas ignoradas ou desabrocham ao sorriso da esperança que as lendas se entretecem e a memória das tradições se aviva (ARINOS 1937, p. 28).

64

O autor classificou as narrativas coletadas conforme as seguintes categorias: as de origem portuguesa, as de origem indígena, as 'lendas dos negros da África' e as brasileiras (ARINOS 1937, p. 19). O problema de enquadramento, Arinos identificou-o na aplicação da quarta categoria porque o brasileiro não é mais, exclusivamente, indígena, nem africano e nem português. Logo, lenda brasileira será a que, sendo 'estrangeira', foi adaptada às condições do meio,³¹ isto é, no processo de colonização, foi amoldada pelos '*criolos e caboclos*' (ARINOS 1937, p. 20). Para o autor, as narrativas indígenas são estrangeiras e as 'dos negros', além de exóticas, são pouco numerosas; ambas muito mais pobres do que as peninsulares. *A fortiori*, as da região peninsular são consideradas como *mais numerosas* e as *mais ricas*, sob o argumento de que 'o componente luso é preponderante' em nossa cultura (ARINOS 1937, p. 20). Podemos, portanto, verificar que, no movimento compreensivo, a totalidade que permite completar o sentido é a Península Ibérica, região que também pode ser considerada como horizonte de sentido para Arinos.

³⁰ Teófilo é representante da geração de 1870.

³¹ Arinos joga com dois tipos de saberes: as coisas que os povos aprendem pelo contato com outros; e os conhecimentos que são resultados do meio, ou seja, que são criações originais do lugar. Aqui mais uma evidência de que estes autores usavam o termo 'meio' para designar outras questões que não apenas o geográfico.

Conforme o *Lendas e tradições brasileiras* os conhecimentos transmitidos se avivam no entretecer das lendas; logo, Arinos concebe a tradição como um 'fundo de memória', uma espécie de arquivo, de onde as narrativas populares procedem. Como memória, a tradição provém de uma história vivida. O interesse por 'lendas' e por tradições populares pode ser considerado como vínculo entre a produção de Arinos e a dos realistas portugueses, pois implica a constituição da Península e do Brasil como totalidades reais e vividas, portanto, não somente geográfica, mas, também históricas.

Considere-se que a primeira das obras históricas escritas por Oliveira Martins foi intitulada como *História da civilização ibérica*. Nela, o desenvolvimento 'espiritual' de um povo é visto como totalidade, muito embora, a introdução do livro, ele dividiu-a em três partes: o Território, a Raça e o Caráter/história. Espectro de Taine? Pode ser... Mas, digamos que, classificar a proposta de Oliveira Martins como determinismo ou naturalismo seria uma grosseira redução de sua amplitude, coisa que se contesta por meio do simples exame do sumário.

A estrutura capitular da obra evidencia a concepção de história subjacente, pois o livro primeiro trata da constituição da sociedade; o segundo, da dissolução da Espanha antiga; o livro terceiro, da formação da nacionalidade; o quarto, do império da Espanha; e o quinto, leva o título: as ruínas. Então, o sumário mesmo já ratifica a concepção trágica de história adotada pelo autor: jogo de potências contrárias tais como constituição e dissolução, formação do império e ruína. Assim, a Península, totalidade geográfica, passa a adquirir uma configuração de totalidade histórica, da qual, na obra de Arinos, o Brasil é uma parte.

O livro terceiro, da obra de Oliveira – intitulado como a formação da nacionalidade – vincula-se, bem assim, à palestra de Arinos proferida no dia doze de outubro, dia da *hispanidad*. A data em que Colombo chegou à América seria elevada, mais tarde, a marco da reconquista espanhola, mas conforme Elisabete da Costa Leal (2006, p. 79), no Brasil deste período, não havia consenso a respeito de que o personagem a ser homenageado em função do descobrimento do nosso país deveria ser Colombo ou Cabral.

Seja como for, Oliveira dera ao terceiro livro o título *de desenvolvimento espontâneo das nações peninsulares* e, numa das subdivisões, se evidencia aquele que, pressupomos ter sido o texto/inspiração para a sobredita conferência de Ouro Preto. Oliveira narrou e Arinos citou que

O movimento de reconquista começara no próprio dia em que a monarquia visigótica tombou na batalha de Crisso. Um grupo de soldados comandados por Pelaio (718-37 ou 731-50) protestou contra a submissão universal da Espanha. Foragidos nas serras das Astúrias preferiram uma vida de bandidos aos doces cômodos que podiam gozar, aceitando a lei do vencedor. Fácilmente [*sic*] haviam agregado a si a população mais ou menos rara das montanhas; e, formado o primeiro núcleo do exército, desciam de seus ninhos, como as águias vêm da crista das serras cair, de repente, sobre as presas nos vales (MARTINS 1973, p. 164-165).

As 'águias das Astúrias' ou o 'bando' de Pelayo, representa, para Oliveira Martins, a totalidade original, assim como a evidência de um regresso à vida

primitiva, uma vez que os componentes do grupo “Vivem como feras; nunca lavam o corpo, nem os fatos que nunca mudam, conservando-os até que de velhos caem a pedaços” (MARTINS 1973, p. 181). O autor atribuiu tal descrição a um anônimo cronista árabe, mas a queda/regresso a um nível primitivo de vida representa a decadência causada pelas potências da história: visão trágica do devir.

Esta concepção historiográfica da totalidade fica ainda mais evidenciada no seguinte texto do mesmo livro três, em que o escritor lusitano convida seus leitores a

[...] Observar a outra face da Idade Média peninsular – ser bifronte que obedece, em ambos os seus aspectos e de um modo simultâneo e paralelo, à influência de causas, geradoras primeiro e destruidoras depois, mas sempre irmãs e constantes (MARTINS 1973, p. 180).

O ser bifronte é Jano, deus romano de face dupla. Às vezes considerado como metáfora da história, representa melhor a visão romana do devir. A face dupla não é, aqui, sinônimo de máscara a esconder o verdadeiro ou o falso. Pode ser compreendida como totalidade temporal dividida em duas partes: passado e presente, e também, criação e destruição.³² Assim, a história é concebida como tragédia, cadeia de acontecimentos da qual não se vislumbra o fim. Mas, também, tanto para Martins quanto para Arinos é drama porque nela evidencia-se o aspecto da comédia, como veremos adiante. Trata-se, em todo caso, de uma totalidade melhor divisada a partir dos efeitos resultante do próprio desenvolvimento.

66

Na conferência de Ouro Preto, o adepto do regionalismo mineiro dizia que

A história mede as ações humanas por suas consequências, e, além disso, ‘uma grande descoberta, no dizer de um sábio, não se produz espontaneamente; é precedida de notícias, ou informações de factos diferentes, que dela se aproximam, mais ou menos, que são seus precursores, suas vedetas’ (ARINOS 1900, p. 49-50).

As notícias de que outros navegadores teriam aportado na América antes de Colombo de nada valeriam para Arinos porque, tais eventos mesmo que tenham efetivamente ocorrido, não fazem parte da história. Ou seja, eles não compõem a tragicidade, pois nenhuma consequência houve; tampouco, evidenciam a atuação das aludidas potências criadoras e destrutivas. Então, esses supostos episódios se igualariam aos da ‘história pré-colombiana das Américas’.

O desembarque de Colombo, porém, seria considerado, por Arinos, como marco inicial da história porque desse evento se conhecem os resultados e as evidências. E, então, o autor passa a falar das forças geradoras e das energias aniquiladoras.³³ Elenca as partes da totalidade temporal, na forma de episódios significativos. Os protagonistas desses acontecimentos são arrolados: Cortez, Pizarro, Almagro, Valdivia, Orellana, Nunez, Yrala, Balboa, Cabot, Hojeda, Cano, Garcia, Solis e tantos outros que se infiltraram pelo interior do continente

³² Jano não é como Clio, a musa grega que registra pela escrita os que merecem a fama. Jano convida à reflexão.

³³ Tais termos são aqui usados por referência a Oliveira Martins.

americano. Para Arinos, o que acontece, então, é uma história de contrastes entre atos heróicos e atitudes covardes (ARINOS 1900, p. 57). Trata-se da perspectiva dramática que Arinos deve ter incorporado por meio de citações e menções ao autor da *História da civilização ibérica*, pois as atitudes classificadas como covardes representam o elemento cômico. Note-se que Oliveira Martins também se referia a certa fração cômica da história Ibérica, tomando a Península na forma de totalidade ampla. Escreveu que

O drama castelhano, ao mesmo tempo bufo e trágico encantador de meiguice e sombrio de terrores; esse drama onde o sorriso e o sangue e o aço, que é a língua de Toledo... e as flores, que nunca faltam nas tranças das mulheres; onde o sacrilégio e a devoção, a blasfêmia e o cilício, todas as antíteses e todos os contrastes se acotovelam; o drama castelhano representa-se todos os dias neste palco vasto e deslumbrante das Índias Ocidentais (ARINOS *apud* MARTINS 1973, p. 270- 271).

O drama (aspecto tragicômico) é, então, episódio/elemento representativo da própria história procedente da Europa que, por intermédio da Península Ibérica, estende-se para a América. O toque dramático colocado em perspectiva histórica, podemos dizer, consiste no recurso de Oliveira a uma nova totalidade, agora espiritual, composta de impetuosidade e misticismo (partes do 'espírito ibérico'). Tal espírito desenvolvido, 'lá na origem', para Arinos é "[...] aliado intimamente à fé cristã, sobrevivente nas últimas tiufadias visigóticas reunidas sob a bandeira de Pelaio, [que] produziu – sabem-no todos – a cavalaria *a lo divino* e a cavalaria do mar" (ARINOS 1900, p. 13).

Como se depreende do texto, a 'bandeira de Pelaio' foi 'aglutinada' na composição dos sentidos empreendida por Arinos. Tal energia místico-aventureira encontra-se partida em duas frentes de ação, ambas envolvidas no 'drama de além-mar' iniciado por Colombo. O autor destaca-lhe os seguintes aspectos:

As descobertas foram obras da cavalaria do mar; e esse gênio aventureiro não podia deixar de atuar muito profundamente nas conquistas das colônias portuguesas e espanholas. Todos esses marujos afoitos traziam no fundo da pupila, habituada a pesquisar as solidões marinhas, uma quimera que os levou a cometer heroísmos e atrocidades, empresas benéficas e uteis ao mesmo passo que ações ridículas (ARINOS 1900, p. 14).

Essa 'cavalaria' foi influenciada, segundo Arinos, pela 'ilusão do Eldorado', que tornou mais dramática a tragédia devido aos atos cômicos decorrentes. E assim, a América Latina será a reprodução e a destruição da civilização ibérica. As águias das Astúrias são também caricatas procelárias.³⁴

Totalidades e dramaticidades

Ainda na conferência direcionada ao público do Ginásio Mineiro, o palestrante expressou a seguinte saudação: "[...] daqui, de um trecho apartado desta grande

³⁴ A procelária, também, representa um elemento cômico nessa alegoria, se comparada aos símbolos orníticos das conquistas imperiais, quase sempre a águia. A procelária tem o pé espalmado, ao contrário das simbólicas garras aquilinas.

terra americana, de junto destes montes, cujos píncaros outrora chamuscaram as almenáras do bandeirante atrevido, eu elevo o meu Ave, não ao guerreiro audaz – mas ao grande benfeitor dos homens” (ARINOS 1900, p. 68).

Trata-se de uma felicitação a Colombo, o personagem que teria iniciado a história '*drama do novo mundo*'. O Brasil desenha-se, então, como uma parte desta totalidade (América ibérica) um tanto obscura, região, agora histórica, porque os eventos se encadeiam sem que se possa prever, senão, finais provisórios. Pode-se dizer que, na perspectiva de Arinos, Colombo inaugura uma nova região da temporalidade, pois, até então, não havia como perspectivar cadeias de eventos ibero-americanos. Uma área, no entanto, sem limites claramente definitivos, uma vez que, finais vitoriosos e ou previsíveis seriam mais compatíveis com a história escrita em estilo épico.³⁵

O escritor mineiro detalhava, em *Notas do dia*, certos episódios dessa '*dramática tragédia*': Fernando Cortez destrói o império inca; Francisco Pizarro conquista o Peru; Diego de Almagro e Pedro de Valdivia ocupam o Chile; Francisco de Orellana explora o Amazonas e Juan Manuel de Ayala entra na região do México.

Nessa perspectiva a história torna-se comovente e ridícula, uma tempestade rasgada pela luminosidade dos relâmpagos, a clarear fugazmente “[...] esse todo escuro de onde mais tarde haveremos de surgir” (ARINOS 1900, p. 58). A borrasca, às asas da qual a procelária que se desprende do 'penedo original' se entrega, é esse efêmero arremate de episódio, constituído pelo deslocamento, ou seja, a travessia do oceano. Acabamento que representa o início, por ser também, a estreia de certa história sempre obscura, nunca previsível (ARINOS 1900, p. 58), mas em movimento.

O autor destaca, então, os seguintes eventos: a revolta vitoriosa do índio Caupolican,³⁶ herói nacional chileno; a abnegação e a grandeza dos missionários espanhóis em defesa dos índios e as expedições dos sonhadores que se atiraram às regiões desconhecidas em busca do Eldorado (ARINOS 1900, p. 58). Tais fragmentos, na perspectiva da tragicidade, são representados como virtuosidades destrutivas do gênio ibérico e energias criadoras de uma '*nova civilização*', da qual o Brasil representa uma parte. Aqui, conforme o autor de *Notas do dia* escreveu na nota de vinte e um de abril de 1895, em texto intitulado como *O passado de Minas e a Inconfidência*, uma série de acontecimentos desenvolvia-se, configurando a história.

A origem localiza-se na primeira expedição realizada em território hoje brasileiro, chefiada por Francisco Chaves, no ano de 1531; na sequência, as '*entradas*' do final do século XVI, comandadas por Antônio Dias Adorno e por Sebastião Fernandes Tourinho; então, seguiu-se a expedição de Don Francisco de Souza e dos Salvadores Correa de Sá. Já havia mineração no Paraná em 1598, mas, diz Arinos, nenhum povo reproduziu mais fielmente o '*espírito ibérico*', "*do que o povo paulista*". A '*alma peninsular*', a '*bandeira*' de Pelaio, os heróis beatos, as cavalarias, a quimera, as expedições marinhas e terrestres... A tragédia, que também é drama prossegue.

³⁵ Ver a obra intitulada como *O estilo corrente em Camões*.

³⁶ Chefe militar mapuche célebre por sua luta contra os espanhóis no século XVI.

Devido a problemas de falta de braços para o trabalho, os

[...] Sertanistas atrevidos derramaram-se pelo interior à caça de trabalhadores indígenas. Refere Pizarro que em 1630 chegaram até Santa Cruz de la Sierra, no alto Peru; no ano seguinte atingiram o Gurupá, na Amazônia. Se pudesse haver epopeia nacional, esta seria a dos bandeirantes (ARINOS 1900, p. 16).

Na perspectiva adotada por Arinos a natureza apresenta-se como paisagem tremendamente adversa, composta de bosques inacessíveis, de serras escarpadas, de rios caudalosos, de abismos e despenhadeiros que abrigam répteis letais. Os índios são representados como seres bravios, traiçoeiros e antropófagos. Os bandeirantes são classificados como homens impetuosos, destemidos, aventureiros, determinados, persistentes, inabaláveis, ambiciosos e corajosos. Raízes de árvores, cobras, lagartos e sapos servem-lhes de alimento, e se falta água, escreve o autor,

Sugavam o sangue dos animais que matavam, mascavam folhas silvestres, ou frutos acres do campo. Já eram homens meio bárbaros, quase desprendidos da sociedade, falando a linguagem dos índios, adotando muito de seus costumes, seguindo muito de suas crenças, admirando a sua vida, procurando imitá-los (ARINOS 1900, p. 17-18).

Podemos dizer que a história dramática se evidencia aqui porque o início do movimento da conquista do sertão – tal qual a reconquista ibérica – apresenta-se de um modo ‘perfeitamente bárbaro’ – o civilizado europeu regressa, um tanto comicamente, à ‘vida primitiva’ (MARTINS 1973, p. 180).

Arinos escreveu, nessa mesma esquematização narrativa, que Tourinho e Adorno haviam chegado ao território mineiro no século XVI e que Marcos Azevedo atingira aquele espaço em 1650. A glória do descobrimento das Minas, no entanto, é atribuída a Fernão Dias Paes Leme,³⁷ que pode evocar alguma figura tal como um ‘*Don Pelayo da América Portuguesa*’. Nem faltaria a este ‘*herói beato*’ um monte Auseva³⁸ porque Fernão Dias é o explorador do *Ibituruhy*.³⁹ A ‘montanha original das Astúrias’ torna-se, desse modo, equivalente ao acidente geográfico localizado em Minas Gerais.

O esquema da história/drama repete-se no território mineiro descrito por Arinos, semelhantemente ao ocorrido na região da Península retratada por Martins. Da mesma forma, tanto na Ibéria quanto no Brasil, um período de confusão e anarquia tem lugar na sequência do evento fundador. Assim, o autor mineiro alinhou a narrativa das ‘instituições primeiras do Brasil’ e a da ‘civilização ibérica’.

³⁷ Fernão Dias teria chegado à região das minas depois de Tourinho e Adorno, pois em julho de 1674. Dias partiu de São Paulo à frente da bandeira das esmeraldas, da qual faziam parte o genro Manuel da Borba Gato e os filhos Garcia Rodrigues Pais e José Dias Pais.

³⁸ O monte Auseva localiza-se nos Picos de Europa a leste do principado de Astúrias. Teria sido nas imediações deste monte que Don Pelayo e seus soldados derrotaram os mouros na batalha de Covadonga iniciando a história da reconquista.

³⁹ *Ibituruna* – montanha localizada na atual cidade de Governador Valadares, Minas Gerais. *Ibituruy*, na língua tupi: *Ibitira* = montanha + *una* = preto + *Y* = água ou rio. Pode ser uma alusão ao Rio Doce, acidente geográfico geralmente associado ao Ibituruna.

Tal disposição fica bem evidenciada considerando-se que, para Oliveira Martins, a história peninsular ocorrera como movimentação espontânea em que os reis, os bispos e os nobres instituíam povoações e outorgavam *cartas pueblas*, ou *cartas de foral*. Tal seria uma das peculiaridades ibéricas que haveria impedido a vigência de um sistema feudal puro na Espanha. Teria oferecido as condições necessárias, isso sim, para a transformação do modelo aristocrático (dos visigodos) em sistema democrático-federal (pós-reconquista). Este meio (poderíamos dizer contexto) teria proporcionado à Península um caráter *sui generis* de civilização e história (MARTINS 1973, p. 66 -172).

A respeito das ocorrências semelhantes no Brasil, Arinos (1900, p. 25-26) apresenta os levantes das câmaras e das juntas mineiras contra certas medidas legislativas cortesãs. A decadência da mineração teria provocado o episódio conhecido como Inconfidência Mineira. Na visão dramática do autor brasileiro, tratou-se de agitação encabeçada por gente opulenta e ilustrada, pois “[...] não foi nem uma conspiração, nem uma revolta, mas uma propaganda em ação” (ARINOS 1900, p. 52). Para Arinos, Tiradentes “o lendário sertanejo tinha na alma o fanatismo que faz os heróis e que é ao mesmo tempo o facho da propaganda e a força viva, a mola poderosa do propagandista” (1900, p. 52). O herói republicano, no texto de Arinos, é bufo, diante da figura dos imperadores.

A nação/civilização brasileira origina-se, então, com as primeiras bandeiras, mas surge como totalidade a partir de acontecimento trágico (destrutivo e construtor) no sete de setembro, com o grito da independência. Segue que, na visão de Arinos, caberia a Dom Pedro I o mérito devido à constituição da nação como “[...] pátria una e não apenas uma denominação geográfica para uma porção territorial da América do Sul” (ARINOS 1900, p. 121-122).

O Brasil é, para o autor, essa unidade/totalidade nacional devida às figuras dos imperadores, de suas linhagens vinculadas ao gênio peninsular que alçou o voo no rumo das Américas. Unidade que é singularidade brasileira comparada ao fracionamento territorial dos vice-reinados da Prata e do Peru; ao fracasso das tentativas unificadoras de Bolívar e Miranda e ao malogro da Confederação do Equador. A Proclamação da República apresenta-se como evento resultante das energias destrutivas das quais os republicanos são considerados como representantes cômicos.

Arinos protestava contra algumas ocorrências do dia, pois, segundo ele, os republicanos haviam arrancado a estátua de Dom Pedro I localizada no largo do Rocio, mudado o nome da Estrada de Ferro Dom Pedro II e quebrado as grades do jardim do Campo de Santana. A notícia sobre este movimento de ‘danação da memória dos imperadores’ foi publicada por Arinos em forma de denúncia. Em seguida veio a nota sobre outra forma de manifestação com o título – *Campanha de Canudos: o epílogo da guerra*. Era nove de outubro de 1897, e, no dia anterior, fora comemorada a derrota do ‘movimento armado da Bahia’.

Podemos dizer que, seguindo o ponto de vista proposto por Martins, Arinos considerou Canudos como ação das potências criativas, um acontecimento equivalente ao ciclo dos Niebelungos e às façanhas realizadas pelos guerreiros homéricos (ARINOS 1900, p. 154). A Campanha de Canudos teve um epílogo

não vitorioso em termos bélicos porque se tratava de um episódio pertencente a uma totalidade maior, uma luta entre raças: a dos nórdicos contra a dos ligúricos (MARTINS 1893, p. 244-246).

A ideia de disputa contínua, entre a raça branca e a ligúrica, pelo predomínio mundial ratificou a visão trágica da história derivada de Oliveira Martins. Conforme Eduardo Lourenço, Martins escreveu numa época genericamente eufórica e culturalmente humanista, propondo uma perspectiva intermediária entre Schopenhauer e Nietzsche

[...] Uma espécie de pessimismo não niilista, mas trágico pelo papel que confere aos indivíduos – e em particular os representativos – de responder à fatalidade em termos de vontade e de energia, introduzindo assim o humano, mesmo se precário ou vão, ao não humano [...] Essa racionalidade é constituída por uma coleção significativa, mas não fatal de momentos transcendentais inscritos num percurso sem transcendência alguma em que a vontade e a energia pessoais ou coletivas se afirmam perante o silêncio de Deus, silêncio definitivo de uma história em que nenhum fim absoluto se vê (LOURENÇO 1995, p. 20).

As reflexões de Oliveira Martins podem ter contribuído para que Arinos considerasse o líder dos sertanejos com um desses sujeitos representativos. Em todo caso, serviram como referência para que o escritor mineiro escrevesse que “[...] eles realizam, no terreno social, o milagre que Oliveira Martins compara ao mistério religioso da encarnação de Deus; eles encarnam a alma do povo, ou de um simples agrupamento humano” (ARINOS 1900, p. 154). Escreveu, também, que Canudos não era um movimento político nem mero banditismo, mas sim uma manifestação de fanatismo, que nunca se tornou ofensiva, esperando que o cerco do exército nacional se fechasse sobre si, e daí, veio a derrota. Drama da América, herdeira do espírito aventureiro e místico, heroico e beato, a alma da Civilização Ibérica.

Na nota a propósito do *Epílogo da guerra de Canudos*, Arinos apresenta clássica saída trágica: Canudos é um dos momentos transcendentais do percurso sem transcendência de nossa história. Então, as energias destrutivas congregam, em si, a força da criatividade, transformando a derrota de Canudos (uma parte do sertão como região, história e espírito) na vitória dos sertanejos (totalidade, ou seja, todos os sertanejos).

Ao modo de conclusão, podemos dizer que Afonso Arinos e Oliveira Martins utilizaram o conceito de região e a perspectiva histórica da tragicidade. Arinos era leitor de Oliveira Martins e, este, por sua vez, vinculava-se à produção filosófica do chamado niilismo alemão, por meio de Schopenhauer e Nietzsche. As obras aqui analisadas, *História da civilização ibérica* de Oliveira Martins e *Notas do dia*, bem como *Lendas e tradições brasileiras* de Afonso Arinos foram produzidas e publicadas, respectivamente, em Portugal e Brasil entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX. Evidencia-se certa afinidade entre os escritos de Arinos e os de Oliveira Martins, pois nos textos do literato mineiro o cientista social português é o mais citado. Arinos aponta que o desembarque de Colombo na América é o início do ‘drama americano’, uma história que será

constituída por um encadeamento de momentos transcendentais, inscritos num percurso histórico imanente, sem final seguramente previsível; mas incluindo certos aspectos cômicos, por exemplo, a figura de Tiradentes e dos republicanos, para Arinos. Os partidários do regime republicano, cômicos, por se dedicarem, na época, à depredação de certos monumentos imperiais brasileiros.

Nessa série de tragicalidades históricas enquadram-se os acontecimentos destacáveis da região ibérica e brasileira, tais como, as *'tiufadias visigóticas'* e o Movimento de Canudos. Pode-se dizer que os textos de Oliveira Martins serviram, em certa medida, como ferramental reflexivo para Arinos no âmbito da visão trágica de história, também vista como expressão dramática por implicação do elemento cômico. Essa 'dupla' perspectiva (tragicômica) estava presente na obra de Oliveira Martins, mas podemos dizer que aparece realçada na interpretação que Arinos empreendeu da história das navegações, da América e do Brasil.

No movimento interpretativo realizado por Oliveira Martins e seguido, em certa medida, por Arinos, a Península Ibérica é tomada como totalidade geográfica, que, por sua vez, faz implica outra: o globo terrestre. A região peninsular é representada como nascedouro da civilização ibérica, cuja história se difunde para a totalidade do globo terrestre no tempo das navegações e da colonização. A história que se desenvolve na região ibérica é representada, também, como um todo, dividido em frações/episódios de criação e destruição. O evento instituidor, nesse caso, consiste no movimento de reconquista espanhola, iniciado no século VIII, quando da batalha de Crisso. A destruição é representada por meio da queda da monarquia visigótica. O conjunto destas partes (eventos de gênese e destruição) formaria outra totalidade histórica constituída por africanos, godos e latinos que, num movimento de luta contra os invasores (árabes), forjam o espírito da Ibéria – totalidade 'mental' – composta de impetuosidade e misticismo. A energia que daí emana, para Arinos, forma nova totalidade, dividida em cavalaria *'a lo divino'* e cavalaria do mar. Tais entidades teriam executado a transposição do mesmo drama vivido na Península para as Américas.

Para Arinos, o evento fundador da 'civilização brasileira' seria a primeira expedição realizada em nosso país, por Francisco Chaves, no ano de 1531. A nação/civilização brasileira, no entanto, surgira como totalidade no sete de setembro, a partir do grito de independência, pois as figuras dos imperadores garantiriam a unidade territorial, histórica e espiritual do país. A proclamação da República representa, para Arinos, uma fragmentação no âmbito da linhagem e do 'impulso vital ibérico', que pode ser novamente vislumbrado em movimentos históricos tais como a *Campanha de Canudos*. Esta, ainda que debelada pelas forças oficiais, representa uma parte de mesma totalidade por colocar os sertanejos na ordem (*Notas*) do dia.

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- ALVES, Francisco José. D'os sertões como obra historiográfica. In: GUIMARÃES, Manuel Luis Salgado. **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editoras, 2006.

- ARINOS, Afonso. **Lendas e tradições brasileiras**. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cª Editores, 1937.
- _____. **Notas do dia**. São Paulo: Typologia Andrade, Mello & Companhia, 1900.
- CAMPIGOTO, José Adilçom; BONA, Aldo Nelson. A hermenêutica e a origem dos faxinais. **Revista de história regional**. 14 (2): 127-153, inverno 2009. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2355>. Acesso em dezembro de 2011.
- CATROGA, Fernando. Alexandre Herculano e historicismo romântico. In: TORGAL, Luís Reis *et al.* **História da história em Portugal**: sécs. XIX-XX. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1996.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método**. 5ª ed. Salamanca: Editora Sígueme, 1993.
- _____. **Fundamentos de uma hermenêutica filosófica**. Salamanca: Editora Sígueme, 1977.
- FARIAS, Leonardo Bruno. **Quem conta um conto imprime luz em algum canto**: a arte de contar histórias no ensino de história. Monografia (História). Campina Grande - UFPB, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- LEAL, Elisabete da Costa. O calendário Republicano e a festa cívica do Descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista, **História**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 64-93, 2006.
- LOURENÇO, Eduardo. Lembrança de Oliveira Martin – História e mito. Portugal. Biblioteca Nacional. In: _____. **Oliveira Martins e os críticos da história de Portugal**. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.
- MARTINS, Oliveira. **História da civilização ibérica**. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores, 1973.
- _____. **As raças humanas e a civilização primitiva**. 2ª ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1893.
- MAUSS, Marcel. **The nature of sociology**. Oxford; New York: Berghahn Books, 2005.
- NEMI, Ana Lúcia Lana. Decadência e singularidade na historiografia ibérica. Decadência e singularidade na historiografia ibérica. In: **Anais do XIX Encontro Regional de História da Anpuh**: poder, violência e exclusão na Teoria da História e na Historiografia. São Paulo: DH/FFLCH/Fapesp, 2008. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ana%20Lucia%20Lana%20Nemi.pdf>
- PAIS, Carlos Castilhos. **Nomear o intérprete**. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/olingua/01/lingua2.html>.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta. **Do caos à inteligência artificial**: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

PIRES, António Machado. **A ideia de decadência na Geração de 70**. Lisboa: Editora Vegas, 1992.

SEGURADO E CAMPOS, J. A. O estilo corrente de Camões. **Revista humanitas**. Lisboa. Vol. XLV, 1993.

VIANA, Natércia Micheletti. **Juventude, cidade e educação**: experiência do Ginásio Mineiro em Belo Horizonte (1898-1914). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.